

Jornais e revistas de teatro em Portugal (2)

Luiz Francisco Rebello

No primeiro quartel do século XX, ou seja, durante os dez últimos anos da monarquia e os quinze iniciais da I República, foram muitas as publicações periódicas que exclusiva, principal ou acessoriamente abriram as suas páginas ao teatro, quase sempre numa perspectiva de pura informação, algumas vezes crítica, raramente teórica ou reflexiva. Na sua maioria tiveram duração efémera; excepcionalmente, algumas prolongaram por vários anos a sua existência, como, nos dois casos mais salientes, *O eco artístico* e o *Jornal dos teatros*, de que se publicaram 164 números de 1911 a 1920 (o primeiro) e 532 de 1917 a 1932 (o segundo).

A nossa pesquisa, que não tem a pretensão de ser exaustiva, permitiu-nos encontrar 32 publicações especializadas no primeiro quartel do século, enquanto, nos três restantes, o número em pouco terá excedido metade daquele. Poderá pôr-se como hipótese credível que a instituição da censura à imprensa e aos espectáculos – um decreto de 6 de Maio de 1927 criou, através da Inspeção-Geral dos Teatros, mecanismos tendentes a “fiscalizar e reprimir” a actividade cénica, a pretexto de “impedir a perversão da opinião pública” e evitar “as ofensas da lei, da moral e dos bons costumes” – terá contribuído poderosamente para este estado de coisas, mas já é mais difícil explicar que, após a sua abolição em Abril de 1974, se tivesse de esperar até há poucos anos pelo surgimento de publicações regulares nesta área – de um modo geral, importa reconhecê-lo, com um nível intelectual muito superior àquele a que havíamos sido habituados.

Esclareça-se, contudo, que nesta resenha não incluímos os jornais diários ou os semanários que normalmente, e com alguma atenção, acompanhavam a actividade teatral, não só noticiando-a, como através da crítica aos espectáculos que iam sendo apresentados (e nesta sede haveria que citar os nomes de Jorge de Faria, Matos Sequeira, Norberto Lopes, Rodrigo de Mello, Luís Forjaz Trigueiros, Redondo Júnior, Manuela de Azevedo, Urbano Tavares Rodrigues, entre outros). Tão pouco incluímos revistas como a *Seara nova*, a *presença*, *Fradique*, *O diabo*, a *Ação*, o *Mundo literário*, a *Vértice*, a *Gazeta musical e de todas as artes*, onde, para além da crítica imediata, a reflexão teórica, a investigação histórica, a análise da situação da arte dramática por vezes encontravam acolhimento. Sirvam de exemplo, quanto a este último aspecto, os números especiais da revista *Espiral* (6-7, Verão de 1965) e *O tempo e o modo* (50-53, Junho a Outubro de 1967); e mencionem-se os volumes em que, à semelhança daqueles em que Joaquim Madureira e Ponce de Leão recolheram os artigos de crítica publicados em *O mundo* e *A vanguarda (Impressões de teatro)*, 1904; *Se Gil*



Vicente voltasse..., 1917), Eduardo Scarlatti Quadrio, Fernando Lopes-Graça, Luís Forjaz Trigueiros, Redondo Júnior e Urbano Tavares Rodrigues reuniram os que deixaram dispersos por revistas e jornais (respectivamente *Em casa de O diabo*, I a IV, 1936, 1943 e 1946; *Talia, Euterpe e Terpsicore*, 1945; *Pátio das comédias*, 1947; *Pano de ferro e Encontros com o teatro*, 1955 e 1957; *Noites de teatro*, I e II, 1961). Em todos eles se encontra copiosa e útil informação para o estudo da *praxis* teatral entre nós.

Mas recuemos ao início do século XX, para registar que em 1902 o *Jornal do Conservatório* de 1839-40 – retomando o título adoptado em 1842, *Revista do Conservatório Real de Lisboa* – faria a sua reaparição, sob a direcção do dramaturgo Eduardo Schwalbach; e que no ano seguinte surgiriam duas novas publicações, *O grande Elias*, título bizarro correspondente a um monólogo de Eduardo Garrido que fazia parte do repertório do actor Augusto Rosa, e *O teatro português*, semanário ilustrado (como o anterior) dirigido pelo actor Francisco Judicibus. A primeira, que durou até Janeiro de 1905, tinha Joaquim dos Anjos como redactor principal e propunha-se “tratar, com o possível

desenvolvimento e desassombro, assuntos teatrais", assegurando, no programa exarado no seu n.º 1, que as críticas "quando ásperas, nunca terão o intuito de ofender directamente artistas ou autores nelas visados, e quando benévolas, nunca serão ditadas nem pela amizade, nem pelo tão prejudicial espírito de bajulação". Nela colaboraram, entre outros, Abel Botelho, Marcelino Mesquita, Eduardo de Noronha, Afonso Gaio, Augusto de Lacerda – e publicou-se em folhetim, o drama de Musset *André del Sarto*. E, enquanto o regime monárquico ia agonizando, foram aparecendo e desaparecendo outras publicações que, como as anteriores, se limitavam a noticiar e comentar a actividade teatral: *O eléctrico* (1905), a *Ilustração teatral* (1906), o *Arquivo teatral* (1908)...

Nada menos do que cinco novas revistas irão surgir no ano em que é implantada a República: *A rajada* (teria o título a ver com a peça homónima de Bernstein, representada em 1906 no Teatro D. Amélia?), *Bandarilhas de fogo*, cujas páginas o teatro e a tauromaquia partilhavam, *A cena*, *A comédia* e *O Polichinelo*, "jornal de teatro, circo e variedades" dirigido por Ricardo Jorge. E foi longa a existência do *Eco artístico*, fonte abundante de informação crítica e iconográfica sobre quase todos os espectáculos levados à cena entre 1911 e 1920, de que era director Xavier Marques.

"Arte, vida, teatro" era o lema de *A máscara* que o crítico de arte Manuel Sousa Pinto lançou em 1912 e de que se publicaram doze números; o seu nível estético e literário situava-se muito acima da média corrente, de que não se afastava nenhuma das revistas que entretanto continuavam a editar-se: ainda naquele ano *O palco* e no seguinte *Almanaque teatral*, compilado por Veloso da Costa, "a revista de crítica" *Teatro*, dirigida pelo jornalista Boavida Portugal e a "revista de arte" *Teatrália* de Francisco Lage, o futuro autor de *Os lobos*, drama rural que originou o melhor filme português da era silenciosa.

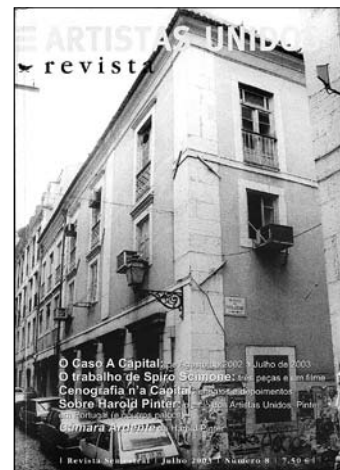
Se em 1914 nenhuma nova publicação terá surgido, três irão aparecer em 1915: *Tardes e noites*, dita "revista ilustrada teatral, sportiva e tauromáquica", *O mundo teatral* e o *Eco teatral*. De Fevereiro a Dezembro de 1916 Avelino de Sousa, autor de operetas e letras de fado, escreve as "biografias em prosa e verso" dos mais ilustres artistas da cena portuguesa que constituem o precioso *Álbum teatral*; desse ano são também *A ribalta*, dirigida por Arnaldo Brandeiro, e *O Porto crítico* de Xavier Fernandes. Um ano depois, ainda na capital nortenha, o comediógrafo Carvalho Barbosa, um dos autores da popularíssima farsa *Cama, mesa e roupa lavada*, dirige a "revista ilustrada de teatro, música e sport" *Comédia*, e inicia-se a publicação do semanário *Jornal dos teatros* que, até 1932, com uma interrupção de um ano em 1929, irá conhecer vários directores, todos eles ligados à escrita teatral: Álvaro Lima, João Luso e Xavier de Magalhães. Um caso raro de longevidade.

Nos oito anos que precederam o golpe militar de 28 de Maio de 1926, outras tantas publicações vieram a lume, desde *O teatro*, de José Pereira e Roque da Fonseca, ao

Correio teatral, de António do Nascimento, editado em Faro. Pouco há para dizer – com a excepção que adiante se verá – das seis restantes: *Revista mensal de teatro e letras* (Porto, 1921), *Mundo teatral* (esta já extensiva ao cinema) e *De teatro* (1922), *O imparcial* e *Gazeta dos teatros* (1923), *Correio dos teatros*, "quinzenário defensor dos trabalhadores de teatro" dirigido por A. Victor Machado (1924). A excepção é o mensário *De teatro*, cujo primeiro número se publicou em Setembro de 1922 e o último – com o n.º 42 – em Março de 1926. Mas uma 2.ª série, que se prolongou até Agosto de 1927, acrescentou doze números àqueles, para reaparecer em Janeiro de 1928 com um novo título – *Teatro-magazine* – e sair definitivamente de cena no subsequente mês de Agosto. Dirigiu-a Mário Duarte, actor e autor que foi o grande impulsionador da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, fundada em 1925 (hoje Sociedade Portuguesa de Autores), e nela, para além de artigos de informação nacional e estrangeira, crítica de teatro, música e, eventualmente, livros, publicaram-se textos de alguns dos mais representados autores dos anos 20, como André Brun, Vitoriano Braga, Ramada Curto, Carlos Selvagem, Mendonça Alves, Chagas Roquete, e as duas "Parcerias", de Lisboa (Ernesto Rodrigues, Félix Bermudes, João Bastos) e do Porto (Carvalho Barbosa e Arnaldo Leite). Em 1926 publicou, em separata, a peça de H. R. Lenormand *O homem e os seus fantasmas*, que nesse ano Alves da Cunha interpretara no Teatro Nacional. Entre os seus muitos colaboradores contam-se alguns dos dramaturgos acima citados, os críticos e jornalistas Jorge de Faria (com um importante estudo sobre o teatro de Camilo), Matos Sequeira, Nogueira de Brito, Leitão de Barros, Avelino de Almeida, António Ferro, Artur Portela, os actores António Pinheiro, Augusto de Melo, Carlos Santos e, episodicamente, Aquilino Ribeiro, Jaime Cortesão e Júlio Dantas. Almada Negreiros e o caricaturista Amarelhe prestaram-lhe assídua colaboração plástica.

Mau grado a superficialidade dos juízos críticos, vinculados ainda aos cânones de um naturalismo convencional, a sua acção sistemática em prol da dramaturgia e dos dramaturgos portugueses confere-lhe um lugar destacado na bibliografia do género, como havia sido, no final do século XIX, a *Revista Teatral* de Joaquim Miranda e Colares Pereira.

E assim chegamos ao ano de 1926, de má memória, em que não apurámos a saída de qualquer nova publicação – mas seriam três no ano seguinte, uma do Porto (*O prosccénio*), duas de Lisboa (*Revista nova* e *Almanaque do lisboeta*). E daí saltamos para 1933, com *A ribalta*, de Albino Lapa, semanário ilustrado de teatro e cinema, como o *Espectáculo*, de 1936, dirigida pelo realizador Armando de Miranda. Se nesta década e na que lhe sucedeu algum outro jornal ou revista apareceu nas bancas, o seu rasto não terá sido perdurável, ainda que o teatro haja ocupado um espaço importante em revistas como a *Vértice*, o *Mundo literário*, *Ver e crer*...



Entre 1950 e 1954, porém, publica-se a série de volumes (dez no total) do *Bulletin d'histoire du théâtre portugais*, editado pelo Instituto Francês, em que colaboraram alguns dos mais reputados teatrólogos nacionais e estrangeiros: I. S. Révah, Eugénio Asensio, Claude-Henri Frêches, Andrée Crabé Rocha, Jorge de Faria (os artigos de Eurico Lisboa sobre D. João da Câmara e Alfredo Cortez são para esquecer). Ficou a dever-se-lhe um importante contributo para o estudo da nossa dramaturgia, sobretudo clássica (Gil Vicente, Prestes, Simão Machado, Luís da Cruz). E, fundado em 1955 por Orlando Vitorino e Azinhal Abelho, o "Teatro d'Arte de Lisboa" editou, nesse ano e no seguinte, e, após um interregno, em 1960-61, os *Teoremas de teatro* em que se incluía o texto das peças levadas à cena acompanhado de artigos alusivos. Ainda nesta década, funda-se em Coimbra o CITAC (Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra), de certo modo em reacção contra o excessivo enfeudamento do TEUC a padrões clássicos, e cuja orientação experimental ficou bem patente no caderno *Primeiro acto*, publicado em 1960, e nos cinco boletins que editou entre 1961 e 1969.

No Porto, em 1965, surgem os "cadernos antológicos de teatro e cinema" *Plano*, de que se publicaram seis números; oito anos depois, o dramaturgo Norberto Ávila lança a revista *Teatro em movimento*, que não iria além do 5.º número e em que, além de textos dramáticos de Audibert, Montherlant, Pirandello, Miguel Barbosa, Tankred Dorst – *A grande imprecisão diante das muralhas da cidade* – e Strindberg, figuravam igualmente artigos de reflexão crítica e teórica.

Será, no entanto, necessário esperar pelos fins da década de 80 – quinze anos após a restauração da ordem democrática – para que novas publicações especificamente referidas ao teatro comecem a sair dos prelos, de características notavelmente diferentes de quase todas as que as antecederam, se é que não mesmo todas. Entretanto, o panorama teatral (e, mais amplamente, sócio-cultural) passara por uma alteração radical. A crítica imediata desaparecera praticamente dos jornais diários; a investigação histórica tornara-se mais exigente; formara-se uma consciência apurada do teatro na sua especificidade estética e no seu relacionamento com a realidade social;

problematizara-se o estatuto do actor, a sua formação, a sua participação na *praxis* teatral, onde até aí eram o actor e o encenador as figuras dominantes; as estruturas fixas de produção de espectáculos foram cedendo espaço a projectos pontuais que por todo o país, até então quase apenas um deserto, foram surgindo. A esta nova realidade, dentro deste novo contexto, procuraram dar resposta publicações como *Teatruniversitário*, *O actor*, editado pela produtora Cassefaz dirigida por Miguel Abreu (16 números, 1987-1994), *Percursos*, da Associação Portuguesa de Expressão Dramática (1985-1991), *Palcos*, a revista bimestral do Centro Português de Teatro (3 números, 1990-1991). Sobre elas escreveu desenvolvidamente Maria Helena Seródio no texto introdutório do volume *Teatro em debate(s)*, que reúne os textos das comunicações apresentadas no 1.º Congresso do Teatro Português realizado em 1993 e no colóquio "O homem de costas", levado a efeito na Fundação Calouste Gulbenkian em 2002. Para esse texto de uma grande riqueza (e rigor) de informação remetemos o leitor.¹

Quase todas as publicações periódicas que hoje entre nós se ocupam de teatro estão relacionadas com unidades de produção teatral: o seu conteúdo incide particularmente (mas não exclusivamente) sobre os espectáculos que ao longo da temporada apresentam. É o caso de *Adágio* (do CENDREV), dos *Cadernos* (do Teatro de Almada), dos *Artistas Unidos* (da companhia homónima), de *Dois colunas* (do Teatro Nacional S. João do Porto). Que apenas uma dessas publicações tenha Lisboa como sede é só por si um sinal de que o paradigma teatral não é hoje o que era antes de Abril de 1974. E há que mencionar ainda *Setepalcos*, órgão da Cena Lusófona, cujo âmbito se estende a todos os países da Comunidade de Língua Portuguesa.

... E, é claro, desde Junho de 2004, estes *Sinais de cena*.

Nota: No antepenúltimo parágrafo do artigo anterior ("Jornais e revistas de teatro em Portugal", *Sinais de cena 1*, Junho de 2004, p. 71), o salto de uma linha fez atribuir a François Coppé a autoria de *Otelo* e de *Romeu e Julieta*. O que se tinha escrito era: "(...) *Otelo* e *Romeu e Julieta* – e, nas línguas originais, *Pattes de Mouche*, de Sardou, *Pour la couronne*, de François Coppé", etc. O leitor terá dado pelo erro. Mas aqui fica feita a correcção.

¹ Maria Helena Seródio et al. (orgs.), *Teatro em Debate(s)*, Lisboa; Livros Horizonte / Centro de estudos de Teatro (FLUL) / APCT, 2003. Volume recensado por Paulo Eduardo Carvalho no primeiro número (Junho de 2004) desta revista ("De frente ou de costas, o teatro", pp. 107-111).